

QUEM DISSE QUE OS SURDOS NÃO PODEM DANÇAR? UMA ARTICULAÇÃO ENTRE DANÇA, SURDEZ E PSICOLOGIA

Ana Beatriz Almeida Sampaio¹; Thiago Costa Alves¹; Francisca Aldenisa Peixoto da Silva²

¹Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.
E-mail: biasampaioocrp@gmail.com

²Docente da Disciplina de LIBRAS do Centro Universitário Católica de Quixadá.
E-mail: aldenisasilva@unicatolicaquixada.edu.br

RESUMO

A dança é uma forma de expressão corporal por meio dos movimentos articulados e harmonizados do corpo humano. Através dela o sujeito manifesta, de forma externa, sentimentos variados conscientes e/ou inconscientes, tornando-se, assim, um meio de comunicação visual. A Língua de Sinais possui objetivo similar. Ela é o canal de comunicação que utiliza sinais e expressões corporais a fim de manter diálogo entre o emissor e receptor. A Língua de Sinais é a língua natural da comunidade surda, e ela é essencial para a constituição psíquica do sujeito surdo. Tanto a dança como a Língua de Sinais, em algum momento de suas histórias, sofreram repressão, e serviram como meio de segregação e exclusão, principalmente a dança. No entanto, surgem alguns questionamentos em torno do sujeito surdo e a sua inserção na dança: como o surdo poderá dançar executando passos coreográficos sem ter contato com a música através da audição? Como ele conseguirá manter ritmo, harmonia, dentre outros aspectos que configuram a dança com música? Podemos fazer com que a dança tenha sentido para o surdo? Este artigo buscará responder a esses e outros questionamentos que são pertinentes no assunto, articulando sujeito surdo-dança-psicologia. Esta pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica-exploratória, e todo material para sua construção (artigos de revistas, produções acadêmicas de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), Mestrado e Doutorado que abordam conteúdos sobre a história da dança, que discutem sobre a linguagem corporal presente nas LIBRAS e na dança), encontram-se em plataformas acadêmicas, como por exemplo, Scielo e Google Acadêmico.

Palavras-chave: Dança. Surdo. Língua de Sinais.

INTRODUÇÃO

Para entendermos a importância da dança como meio de expressão para os surdos temos que observar a relevância desse fato não só para eles, mas para a sociedade em geral. A história da nossa linguagem é marcada pela inserção de vários elementos que facilitaram a nossa comunicação, a dança representa bem um desses meios linguísticos.

A linguagem corporal é a forma de expressão do corpo que ocorre por meios de movimentos e de acordo com Laban (1978, p. 19), “O homem se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade.”. Dessa forma podemos perceber que o ser humano se comunica por intermédio de movimentos expressivos e a dança o auxilia nesse quesito. Esta é uma função da dança desde os povos primitivos que se comunicavam com Deus através da dança (VARANDA, 2012). Por isso, podemos fazer uma articulação entre a Língua de Sinais e a Dança já que as duas são instrumentos que se utilizam da linguagem corporal para promover a expressão.

Este estudo é uma produção acadêmica solicitada como forma de avaliação da disciplina de LIBRAS. Ao pensar em um tema que nos interessasse logo nos lembramos da dança por ser um dos nossos hobbies. A dança para nós representa uma das melhores formas de nos expressar, de comunicar algo que com palavras poucas pessoas entenderiam. Pensando nisso, tomamos consciência de que se um surdo assistisse a uma apresentação nossa ele poderia entender a mensagem que estávamos querendo expressar naquele momento (mesmo que eu não estivesse falando em LIBRAS). Não importa se ele não estava escutando a música, sua comunicação é visual. Por comunicar algo a dança se torna também uma linguagem e se os surdos entendem eles podem também, se quiserem, se utilizar desse mecanismo para expressar-se.

No entanto, para poder dançar acreditamos que os surdos passem por inúmeros desafios desde o fato que muitas pessoas acreditam ser impossível que haja dança sem escutar a música, muitos se questionam como eles irão conseguir entrar no ritmo, até a questão de que eles têm outra de sentir a música. Imaginamos também que existem outros pesquisadores, tanto da área da dança, como da Ed. Física, do curso de LIBRAS que já

puderam fomentar discussões acerca desse assunto e então resolvi me apropriar de algumas dessas pesquisas e inserir a Psicologia nesse debate.

Por isso este trabalho se justifica como uma tentativa de contribuir com a discussão sobre a inserção da dança na cultura surda e vice-versa. Entendendo que é importante ampliar cada vez mais o arsenal da produção de conhecimento que desconstrói a visão da sociedade sobre o surdo como alguém impossibilitado e incapaz de realizar tantas coisas. Assim, esta pesquisa teve como objetivo compreender como se deu historicamente a inserção do surdo no mundo artístico da dança, entendendo também como pode ser feita a articulação entre as linguagens corporais da dança e da Linguagem de Sinais junto a isso também buscamos identificar os desafios presentes nesses processos.

Para alcançar os objetivos foi feita uma revisão bibliográfica a partir de artigos de revistas da plataforma Scielo, Google Acadêmico, e de produções acadêmicas de conclusão de curso, mestrado e doutorado que abordassem conteúdos sobre a história da dança, que discutissem sobre a linguagem corporal presente na Linguagem de sinais e na dança assim como a importância psicológica da expressão e da comunicação.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos foi feita uma revisão bibliográfica a partir de artigos de revistas da plataforma Scielo, Google Acadêmico, e de produções acadêmicas de conclusão de curso, mestrado e doutorado que abordassem conteúdos sobre a história da dança, que discutissem sobre a linguagem corporal presente na Linguagem de sinais e na dança assim como a importância psicológica da expressão e da comunicação.

A partir da contribuição dos autores Amaral, Rossi, Van Munster, Joseph e Norling, pudemos conhecer um pouco da história da dança, da inserção do surdo nesse meio artístico, e conseguimos compreender como se dá a articulação entre a dança e a língua de sinais. A partir das discussões desses autores discutimos sobre os desafios de tais fatos.

Para complementar nos utilizamos dos autores Merleau-Ponty, Tomaz e Fialho para nos auxiliar nas discussões sobre a influência da dança no desenvolvimento humano e a importância de se utilizar da mesma como forma de expressão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A HISTÓRIA DA DANÇA E A INSERÇÃO DOS SURDOS NESSE MEIO ARTÍSTICO

Entretanto, na história da dança também existiram períodos em que a liberdade de expressão proposta fora barrada. Com a ascensão do cristianismo, ela foi apontada como uma manifestação pagã. A partir disso, tal forma de linguagem deixou de ser uma forma de comunicação com Deus e passou a ser feita apenas nas comemorações, não podia expressar outro sentimento a não ser algo festivo (AMARAL, 2009).

Ao longo do tempo as manifestações da dança foram classificadas com base nas classes sociais. Aqueles que detinham o poder da realeza não admitiam que a sua dança fosse semelhante a dos pobres. Portanto, estes criaram as regras de etiquetas que deram origem ao Ballet Clássico, fundamentadas nos ideais de amor cortês que faziam com que suas danças fossem consideradas rudes e vigorosas e a dos camponeses fossem vistas como inconvenientes, grosseiras e vulgares e inoportunas de serem dançadas pelos palacianos (AMARAL, 2009).

Mas essa realidade mudou quando, na década de 80, surgiu a dança contemporânea com novos pensamentos e maneiras de se movimentar que permitiram que todos se expressassem por meio da dança cada um do seu jeito (ROSSI; VAN MUNSTER, 2013). Incluindo nesse fato também as pessoas com deficiência que não precisavam se preocupar em dançar da mesma forma que as pessoas tidas como normais.

ARTICULAÇÕES ENTRE A DANÇA E LÍNGUA DE SINAIS

Como afirma Norling (2013), o surdo entra em contato com a dança a partir do convívio com ouvintes da família, amigos, no colégio ou em festas sociais. Esse primeiro encontro pode ser positivo ou negativo. Ele poderá ser negativo, por exemplo, se o surdo entende a dança como uma série de movimentos sem significado.

A partir disso entramos podemos discutir: como o amigo, familiar ou professor de Educação Física pode fazer com que a dança tenha sentido para o surdo? A resposta está justamente atrelada ao título desse subtópico: Articulando a dança a Língua de Sinais.

Como é dito por Joseph (2010): “A ideia de que todos os sentimentos têm a sua própria tradução corporal pode ser uma porta de entrada interessante para ampliar a cultura geral do surdo sobre a dança e a expressão corporal”.

A dança passa a ter sentido para os surdos quando é entendido que ela é mais uma oportunidade dada a para que ele expresse seus conteúdos se no corpo-espaço. É de fundamental importância que todos, ouvintes e surdos, compreendam que a percepção corporal atua diretamente na formação e construção do espaço e o trabalho sobre esta percepção é o que faz a ponte entre dança e a expressão corporal na língua de sinais (JOSEPH, 2010).

SEGUNDO A PSICOLOGIA: O CORPO FALA

Para Merleau-Ponty, um estudioso da fenomenologia, o corpo intencionalmente uma forma de expressão. Cada movimento, cada gesto, cada salto é carregado de inúmeros sentidos, sendo que “o sentido dos gestos não é dado, mas compreendido, quer dizer, retomado por um ato do espectador” (1971, p.195). Pode se dizer então que um dançarino transmite algum sentido com os passos que produzem seus movimentos e o espectador, recebe esses gestos e os entende de acordo com seu repertório cultural de informações (TOMAZ, 2007).

Diante disso podemos reafirmar o que é dito por Schilder(1981 apud TOMAZ,2007):

A imagem corporal é um fenômeno fundamental para o desenvolvimento do ser e do seu entendimento enquanto corporeidade, associando-se à consciência do corpo próprio. Desta forma o desenvolvimento da imagem corporal pode ampliar as possibilidades corpóreas de um indivíduo e logo, as suas capacidades expressivas.

Como psicólogos devemos fundamentar nossa atuação na promoção de saúde mental por meio de práticas que facilitem a livre expressão dos nossos aspectos psíquicos mais profundos. A dança além de facilitar a expressão pode promover uma experiência de catarse, fazendo com que o indivíduo imprima nos movimentos suas inquietações e angustias que talvez estivessem encobertas (FIALHO,2011).

CONCLUSÕES

Desta forma, conclui-se que, a dança para o sujeito surdo é sim possível e de grande relevância. Com ela, ele poderá exprimir seus sentimentos, “colocar para fora” os seus desejos, anseios, reivindicações, etc. A dança torna-se uma forma de empoderamento do sujeito surdo, uma vez que ele poderá usar dela como meio de se posicionar afirmativamente no meio social.

O sujeito surdo, através de outros sentidos que possui – principalmente a visão e as terminações nervosas que existem na pele –, pode sentir a música por meio das vibrações sonoras que instrumentos e autofalantes liberam e se fazem transportar no ar. Facilitando, portanto, a harmonia entre a dança e a música. Todavia, o fator mais importante para o surdo é se manifestar usando a dança em junção com a sua língua materna, a de sinais, dando sentido a sua existência. A dança, dessa forma, se torna mais uma forma de expressão para o surdo usando o corpo-espaço.

Enfatizamos a necessidade de mais capacitação para os profissionais que lidam com a inserção do sujeito surdo na dança. Esses, de forma especial, precisam de mais compreensão da cultura e da comunidade surda em sua totalidade. Assim, o objetivo será mais bem alcançado.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Jaime. DAS DANÇAS RITUAIS AO BALLET CLÁSSICO. **Revista Ensaio Geral**, Belém, v. 1, n. 1, p.1-6, jun. 2009. Disponível em:

<http://revistaeletronica.ufpa.br/index.php/ensaio_geral/article/viewFile/95/25>. Acesso em: 15 set. 2018.

FIALHO, Joana Inês Figueiredo. **Um estudo fenomenológico sobre o processo de desenvolvimento criativo em dança contemporânea**. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 2012. Disponível em:

<<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2274/1/14755.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2018.

JOSEPH, Tatiana WonsikRecompenza. **Entre a dança e a língua de sinais, a caixa mágica da criação**. 2010. 179 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

LABAN, Rudolf. Domínio do movimento. 4. ed. São Paulo: Summus, 1978.

NORLING, Priscilla da Silva. **As representações da dança na vida de adultos surdos**. 2013. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 213. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/87739>>. Acesso em: 23 set. 2018.

ROSSI, Patricia; VAN MUNSTER, Mey de Abreu. Dança e deficiência: uma revisão bibliográfica em teses e dissertações nacionais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p.181-205, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/39132/27450>>. Acesso em: 21 set. 2018.

TOMAZ, Beatriz Azeredo. **O corpo na dança - a dança no corpo**. 2007. 206 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5046/1/10628.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2018.

VARANDA, Sidinei Barbosa. Corpos e expressão em movimento. A dança e a educação. Por que ensinar dança na escola? **Linguagem Acadêmica**, Batatitas, v. 2, n. 1, p.121-145, 0 jul. 2012.